

GUIA DE VISITA



CHÂTEAU DE
CHENONCEAU



Diana de Poitiers 1499 - 1566

O rei Henrique II oferece Chenonceau em 1547 à sua favorita, Diana de Poitiers, que alia beleza, inteligência e sentido dos negócios...Os jardins que Diana concebe para o castelo são dos mais espetaculares e modernos da época. Manda construir a célebre ponte sobre o rio Cher, que confere a Chenonceau a sua arquitetura única no mundo.



Catarina de Médicis 1519 - 1589

Ao enviuvar de Henrique II, Catarina de Médicis afasta Diana, torna os jardins ainda mais belos e continua as obras arquitetónicas. Manda construir uma galeria de dois andares sobre a ponte, para organizar festas sumptuosas. Como regente, Catarina dirige o reino a partir do seu gabinete verde, instala em Chenonceau o fausto italiano e instaura a autoridade do jovem monarca.



Luísa de Lorena 1553 - 1601

Em 1589, após a morte do rei Henrique III, seu marido, Luísa de Lorena, retira-se em Chenonceau e veste-se de luto, de branco, como exige a etiqueta da corte. Esquecida de todos, mantém com dificuldade o trem de vida de uma rainha viúva. Dedicava o seu tempo à leitura, às obras de caridade e à oração. A sua morte marca o fim da presença real em Chenonceau.

CASTELO DE CHENONCEAU O CASTELO DAS DAMAS



Louise Dupin 1706 - 1799

Louise Dupin, requintada representante das luzes do século XVIII, imprime novo fausto ao castelo. Recebe no seu salão a elite dos escritores, poetas, cientistas e filósofos, como Montesquieu, Voltaire ou Rousseau. Protege Chenonceau com sensatez, salvando o castelo durante a Revolução francesa.



Marguerite Pelouze 1836 - 1902

No século XIX, Marguerite Pelouze, pertencente a uma família da burguesia industrial, decide em 1864 imprimir o seu gosto faustoso ao castelo e ao parque. Gasta uma fortuna no seu restauro, à semelhança do que tinha feito no seu tempo Diana de Poitiers. Um obscuro caso político leva-a à ruína. Chenonceau é vendido duas vezes até 1913.



Simonne Menier 1881 - 1972

Durante a primeira Guerra mundial, longe das trincheiras, Chenonceau sofre os traumas da guerra. Simone Menier, enfermeira em chefe, administra o hospital instalado nas duas galerias do castelo, transformadas e equipadas por conta da sua família (proprietária dos chocolates Menier). Mais de 2000 feridos foram tratados em Chenonceau, até 1918. A sua coragem dita-lhe quantidade de atos de resistência durante a segunda Guerra mundial (1939-1945).

Para construir o castelo de Chenonceau sobre o rio Cher no século XVI, Thomas Bohier e sua mulher Katherine Briçonnet mandam demolir o castelo e o moinho fortificados que pertenciam à família Marques, conservando apenas o torreão: a Torre dos Marques, que adaptam ao gosto do Renascimento.

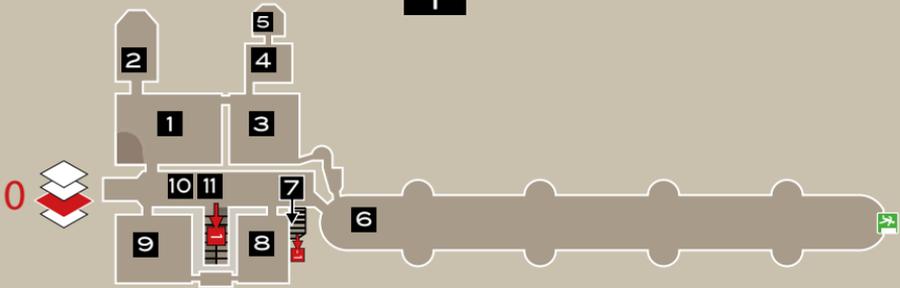
O pátio de entrada respeita o plano do antigo castelo medieval, cujos limites coincidem com os fossos.

Ao lado da torre, subsiste ainda o poço, ornamentado de uma quimera e de uma águia, emblema da família Marques.

Avançando até ao castelo, construído sobre os pilares do antigo moinho fortificado, chega-se à monumental porta de entrada. De época Francisco I, em madeira esculpida e pintada exhibe: à esquerda as armas de Thomas Bohier, à direita as de sua mulher, Katherine Briçonnet - que construíram Chenonceau - encimadas pela salamandra de Francisco I e pela inscrição em latim: *“FRANCISCUS DEI GRATIA FRANCORUM REX - CLAUDIA FRANCORUM REGINA»* (Francisco, pela graça de Deus, rei de França e Cláudia, rainha de França).

O PÁTIO E A TORRE DOS MARQUES





Aqui permaneciam os homens de armas encarregues da proteção do rei.

O brasão de Thomas Bohier ornamenta a lareira do século XVI. Na porta de madeira de carvalho (também renascentista) por baixo das figuras dos seus santos padroeiros (Santa Catarina e São Tomás), a divisa de Thomas Bohier e Katherine Briçonnet: *«S'il vient à point, me souviendra»* o que significa: « Se conseguir construir Chenonceau serei recordado ».

Nas paredes uma série de tapeçarias de

Flandres do século XVI representa CENAS DA VIDA DO CASTELO, UM PEDIDO DE CASAMENTO, UMA CAÇADA.

As arcas são de estilo gótico e renascentista. No século XVI, nelas se arrumavam as pratas, as loiças e as tapeçarias que a corte levava consigo de uma residência para outra.

No teto de traves aparentes figuram os 2 "C" entrelaçados de Catarina de Médicis.

No chão subsistem vestígios de uma majólica do século XVI.

A SALA DOS GUARDAS



Atravessando a sala dos guardas acesse à capela por uma porta encimada por uma estátua da Virgem.

As portadas desta porta de carvalho representam o Cristo e São Tomé e relembram as palavras do Evangelho segundo São João: "INFER DIGITU TUUM HUC"; "DNS MEUS ET DEUS ME" ("Chega aqui o teu dedo", "Vós sois meu Senhor e meu Deus").

Os vitrais são do século XX (1954), tendo os originais sido destruídos por um bombardeamento em 1944. São obra do mestre vidreiro Max Ingrand.

Na loggia à direita uma VIRGEM COM O MENINO em mármore de Carrara, obra de Mino da Fiesole. Dominando a nave, as rainhas assistiam à missa no coro real, onde está inscrita a data de 1521.

À direita do altar, uma credencia de pedra lavrada e ornamentada com a divisa dos Bohier.

Nas paredes, as inscrições em inglês foram gravadas pelos guardas escoceses da rainha Maria Stuart: ao entrar, à direita « *A fúria do homem não cumpre a justiça de Deus* » datada de 1543 e "*Não vos deixeis vencer pelo Mal*", datada de 1546. Nas paredes, pinturas com temas religiosos :

- **Il Sassoferrato**: A VIRGEM COM UM VÉU AZUL
- **Alonso Cano**: JESUS PREGANDO FRENTE A FERNANDO E ISABEL
- **Jouvenet**: ASSUNÇÃO
- **Sebastiano del Piombo**: DESCIDA AO TÚMULO
- **Murillo**: SANTO ANTÓNIO DE PÁDUA
- **Escola francesa do século XV**: ANUNCIAÇÃO.

A capela foi preservada, durante a Revolução francesa, por Madame Dupin, na altura proprietária do castelo, que teve a ideia de a transformar em reserva de lenha, escondendo desta forma o carácter religioso do local.

A CAPELA



Este quarto foi o da favorita do rei Henrique II, Diana de Poitiers, a quem o rei ofereceu Chenonceau. Em 1559, Henrique II morreu em combate singular num torneio contra o capitão dos seus guardas escoceses, Gabriel Montgomery. A rainha Catarina de Médicis, sua viúva, pediu a Diana que restituísse Chenonceau, dando-lhe em compensação Chaumont sur Loire.. Na lareira, obra de Jean Goujon, escultor francês da Escola de Fontainebleau, bem como no teto cofrado podem ver-se as iniciais de Henrique II e de Catarina de Médicis: um H e um C que, uma vez entrelaçados, formam o D de Diana de Poitiers. Deve-se a sua restauração a Madame Pelouze.

A cama de dossel, os cadeirões forrados de cabedal de Córdoba e a magnífica mesa com embutidos, perto da cama, são do Renascimento. Um lindíssimo bronze do século XIX de "Diana de Anet" lembra a favorita do rei. Por cima da lareira destaca-se um RETRATO DE CATARINA DE MÉDICIS por **Sauvage**.

Duas tapeçarias de Flandres do século XVI, de grandes dimensões representam:

- O TRIUNFO DA FORÇA, montada num carro puxado por dois leões, rodeada de personagens do Antigo Testamento.

Na barra superior, a frase latina significa: « Aquele que ama de todo o coração os dons celestes não recua perante as ações que lhe dita a devoção ».

- O TRIUNFO DA CARIDADE. Rodeada de cenas bíblicas, a Caridade segura um coração numa mão e com a outra, aponta para o sol. A divisa em latim significa: « Aquele que mostra força de coração perante os perigos recebe, na hora da morte, a salvação como recompensa ».

À esquerda da janela: CRISTO DESPOJADO DAS SUAS VESTES por **Ribalta**, o mestre de Ribera. À direita da lareira: VIRGEM COM O MENINO por **Murillo**. Por baixo deste quadro, estão guardados numa biblioteca os arquivos de Chenonceau. No exemplar exposto na vitrina, reconhecem-se as assinaturas de Thomas Bohier e de Diana de Poitiers.

O QUARTO DE DIANA DE POITIERS



Catarina de Médicis, após a morte de seu marido, o rei Henrique II, tornou-se regente do reino e governou a França neste gabinete de trabalho. No teto do século XVI, conservado no seu estado original, podem ver-se os “C” entrelaçados das suas iniciais. A tapeçaria de Bruxelas do século XVI, conhecida como “A TAPEÇARIA DA ARISTOLOCHIA” é ao mesmo tempo gótica e renascentista. É excepcional pela sua cor verde que se tornou azul e pelo seu tema, inspirado na descoberta das Américas: faisões prateados do Peru, ananases, orquídeas, romãs, animais e vegetais desconhecidos na Europa até 1492.

De um lado e do outro da porta, dois gabinetes italianos do século XVI.

Nas paredes, uma coleção de quadros, sendo os mais importantes:

- **Tintoretto:** A RAINHA DE SABÁ E RETRATO DE UM DOGE
- **Jordaens:** SILENO EMBRIAGADO
- **Golsius:** SANSÃO E O LEÃO
- **Ribera:** TRÊS BISPOS
- **Jouvenet:** JESUS EXPULSANDO OS VENDILHÕES DO TEMPLO
- **Spranger:** CENA alegórica pintada sobre metal.
- **Veronese:** ESTUDO DE CABEÇA DE MULHER
- **Poussin:** A FUGA PARA O EGITO
- **Van Dyck:** AMOR E SÍMIOS

O GABINETE VERDE



Catarina de Médicis tinha instalado a sua mesa de trabalho nesta pequena biblioteca, de onde se desfruta de uma magnífica vista sobre o rio Cher, a ilha e o jardim de Diana.

O teto de 1525 de estilo italiano, em madeira de carvalho, com pequenas chaves pendentes é um dos primeiros tetos cofrados que se conhece em França. Podem ver-se as iniciais T.B.K. de Thomas Bohier e Katherine Briçonnet, que mandaram construir o castelo.

Por cima da porta:

- **Andrea del Sarto** : SAGRADA FAMÍLIA e de ambos os lados:
- **Bassano**: CENAS DA VIDA DE SÃO BENTO
- **Correggio**: UMA MÁRTIR
- **Jouvenet**: HELIODORO
- **Poussin**: O RAPTO DE HEBE, O RAPTO DE GANIMEDES, os copeiros dos Deuses, chamados para o Olimpo.

A BIBLIOTECA



Pelo quarto de Diana de Poitiers, acede-se à galeria através de uma pequena passagem. Em 1576, Catarina de Médicis manda construir por Jean Bullant e segundo planos de Philibert de l'Orme, uma galeria sobre a ponte de Diana de Poitiers. Iluminada por 18 janelas, de 60 metros de comprimento por 6 de largura, com o seu chão de pedra de tufo e ardósia e o seu teto com traves aparentes, a galeria é um magnífico salão de baile.

Foi inaugurada em 1577, durante as festas que Catarina de Médicis ofereceu em honra de seu filho, o rei Henrique III. Nas suas duas extremidades, duas bonitas lareiras renascentistas, sendo a que está situada do lado da porta Sul, pela qual se alcança a margem esquerda do rio Cher, apenas decorativa.

No início do século XIX, a galeria é ornamentada com medalhões, provenientes do Musée des Petits Augustins, representando personagens históricas célebres. Durante a primeira guerra mundial, Gaston Menier, proprietário de Chenonceau assumiu pessoalmente as despesas da instalação de um hospital, cujos diversos serviços ocupavam todas as salas do castelo. Durante a segunda guerra mundial, o rio Cher materializava a linha de demarcação. A entrada do castelo estava situada na zona ocupada (margem direita). A galeria, cuja porta Sul dava acesso à margem esquerda, permitiu que os resistentes fizessem passar muitas pessoas para a zona livre. Durante todo o período da guerra, uma bateria alemã manteve-se pronta para destruir Chenonceau a qualquer momento.

A GALERIA





As cozinhas de Chenonceau estão situadas na parte superior dos dois primeiros pilares assentes no leito do rio Cher.

A copa é uma sala baixa com duas abóbadas de cruzamento de ogivas. A lareira do século XVI é a maior do castelo e ao lado encontra-se um forno para cozer o pão.

A copa comunica com :

- a sala de jantar do pessoal do castelo e antigamente dos cavalheiros da guarda de Luísa de Lorena.
- o talho onde ainda se podem ver os ganchos que serviam para pendurar as peças de caça e os cepos onde eram depois cortadas.

- a despensa, onde eram armazenados os mantimentos.

- uma ponte pela qual se acede à cozinha propriamente dita.

Ao passar de um pilar para o outro vê-se uma plataforma, onde os barcos acostavam para trazer os mantimentos (a lenda deu-lhe o nome de Banho de Diana ou Banho da rainha). As cozinhas renascentistas foram dotadas, durante a primeira Guerra mundial, do equipamento moderno necessário para transformar o castelo em hospital

AS COZINHAS



Este salão possui uma das mais belas lareiras renascentistas. Sobre o pano da lareira, a divisa de Thomas Bohier: «S'il vient à point, me souviendra» - em sintonia com as suas armas, por cima da porta, ladeada de duas sereias.

A mobília consta de três credências francesas do século XV, um gabinete italiano do século XVI, excepcional pelos seus embutidos de madrepérola e marfim, gravados com aparo, presente de casamento oferecido a Francisco II e Maria Stuart.

Na parede, um RETRATO DE DIANA DE POITIERS COMO DIANA A CAÇADORA, por **Primatticio**, pintor da Escola de Fontainebleau.

O quadro foi pintado em Chenonceau em 1556; a sua moldura exhibe as armas de Diana de Poitiers, duquesa de Étampes.

De um lado e do outro : TRÊS RETRATOS DE FIGURAS MASCULINAS por **Ravesteyn**, um AUTORRETRATO por **Van Dyck** e um RETRATO DE MULHER COM GOLA PLISSADA por **Miervelt**.

Ao lado, um retrato de LAURE VICTOIRE MANCINI, COMO DIANA DEUSA DA CAÇA. Sobrinha de Mazarin, mulher de Luís II, duque de Vendôme, duquesa de Mercœur, Laure Victoire Mancini foi proprietária de Chenonceau no século XVII.

De cada lado da janela : ARQUIMEDES por **Zurbaran** e Dois bispos (início do século XVII). À direita da lareira, AS TRÊS GRAÇAS, por **Van Loo**, representa as meninas de Nesle: damas de Chateauroux, Vintimille e Mailly, as três irmãs foram sucessivamente favoritas do rei Luís XV.

O SALÃO FRANCISCO I



Como lembrança da sua visita a Chenonceau a 14 de julho de 1650, o rei Luís XIV ofereceu, muito mais tarde, ao seu tio, o duque de Vendôme, um RETRATO seu da autoria de **Rigaud** – com uma extraordinária moldura de **Lepeautre** formada apenas por quatro enormes peças de madeira – assim como a mobília forrada de tapeçarias de Aubusson e uma consola do célebre mestre marceneiro Boulle.

Por cima da lareira renascentista, a salamandra e o arminho evocam a memória de Francisco I e da rainha Cláudia de França.

Uma cornija com as iniciais dos Bohier (T.B.K.) remata o teto de traves aparentes.

Na parede ao Leste, O MENINO JESUS COM SÃO JOÃO BATISTA por **Rubens**, foi comprado a José Bonaparte, instalado no trono de Espanha por seu irmão Napoleão.

O salão conta ainda com uma coleção de pinturas francesas dos séculos XVII e XVIII:

- **Van Loo** : RETRATO DO REI LUÍS XV

- **Nattier** : A PRINCESA DE ROHAN

- **Netscher**: RETRATO DE CHAMILLARD, ministro de Luís XIV e Retrato de figura masculina.

- **Jean Ranc**: RETRATO DE FILIPE V, REI DE ESPANHA e neto de Luís XIV.

E ainda um RETRATO DE GRANDES DIMENSÕES REPRESENTANDO SAMUEL BERNARD, banqueiro de Luís XIV por **Mignard**.

O riquíssimo Samuel Bernard era o pai de Madame Dupin, cuja graça e inteligência sobressai no RETRATO que dela fez **Nattier**.

Louise Dupin (1706 – 1799), antepassada por afinidade de George Sand, foi proprietária do castelo de Chenonceau no século XVIII. Protetora dos enciclopedistas, recebeu em Chenonceau Voltaire, Rousseau, Montesquieu, Diderot, d'Alembert, Fontenelle e Bernardin de Saint-Pierre. A sua bondade, generosidade e inteligência conseguiram preservar Chenonceau da destruição durante a Revolução francesa.

O SALÃO LUÍS XIV



O teto do vestíbulo é formado por uma série de abóbadas em ogiva cujas chaves, desalinhadas umas em relação às outras, formam uma linha quebrada.

A ornamentação dos capitéis é constituída de folhagens, rosas, anjos, quimeras e cornucópias. Realizado em 1515, constitui um dos mais belos exemplos de escultura decorativa do primeiro período do Renascimento francês. À entrada, por cima das portas, dois nichos onde se podem ver as estátuas de São João Batista (santo padroeiro de Chenonceau) e de uma Madonna italiana ao estilo de Luca Della Robbia. A mesa de caça, de mármore italiano, é renascentista. Por cima da porta de entrada, um vitral moderno (1954) do mestre vidreiro Max Ingrand, representa a lenda de Santo Humberto.

O VESTÍBULO



No vestíbulo, uma porta em madeira de carvalho do século XVI dá acesso à escadaria.

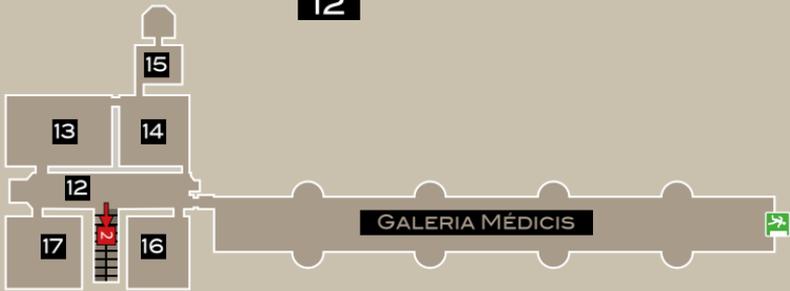
As suas portadas esculpidas representam a Lei antiga (com a figura de uma mulher de olhos vendados, segurando um livro e um bordão de peregrino) e a Lei nova (com o rosto descoberto e segurando uma palma e um cálice).

A escadaria que conduz ao primeiro andar é notável por ser uma das primeiras escadarias retas – ou balaústre contra balaústre – construídas em França com base no modelo italiano.

O teto é uma abóbada de nervuras inclinada, ornamentada com chaves nos pontos em que as nervuras se cruzam em angulo reto. Está decorado de figuras humanas, frutos e flores (alguns elementos decorativos foram martelados durante a Revolução). Entre os dois lanços da escadaria, por uma loggia com balaústre, pode avistar-se o rio Cher. Um lindíssimo medalhão antigo ornamenta o início do segundo lanço da escadaria e representa um busto de mulher com o cabelo solto.

A ESCADARIA





O pavimento do vestíbulo do primeiro andar está revestido de pequenos ladrilhos de tijoleira estampados com uma flor-de-lis atravessada por uma adaga.

O teto é de traves aparentes.

Por cima das portas, medalhões de mármore, trazidos de Itália por Catarina de Médicis, representam diversos imperadores romanos: Galba, Cláudio, Germanicus, Vitélio e Nero.

A série de seis tapeçarias de Audenarde, do século XVII, representa *CENAS DE CAÇA*, e foi executada segundo cartões de **Van der Meulen**.

O vestíbulo abre para uma varanda de onde se pode ver a torre dos Marques e o pátio. O pátio respeita o plano da fortaleza medieval. À direita, ladeado por terraços, o jardim de Diana de Poitiers vigiado pela Chancelaria. Do lado oposto, o jardim de Catarina de Médicis, de caráter mais íntimo, com o seu tanque central.

VESTÍBULO DE KATHERINE BRIÇONNET



O nome deste quarto celebra a memória das duas filhas e das três noras de Catarina de Médicis. Foram suas filhas a rainha Margot (mulher de Henrique IV) e Isabel de França (mulher de Filipe II de Espanha), e suas noras Maria Stuart (mulher de Francisco II), Isabel da Áustria (mulher de Carlos IX) e Luísa de Lorena (mulher de Henrique III).

O teto em caixotão do século XVI é composto pelos lambris da antecâmara dos apartamentos de Louise de Lorraine. A lareira é renascentista. As paredes estão forradas de uma série de tapeçarias de Flandres do século XVI que representam: O CERCO DE TROIA E O RAPTO DE HELENAOS JOGOS DE CIRCO NO COLISEU E. À esquerda da lareira, um fragmento de tapeçaria do século XVI evoca um episódio da VIDA DE SANSÃO.

A mobília é constituída por uma cama com dossel, duas credências góticas encimadas por dois bustos de mulheres em madeira policroma do século XV e uma arca de viagem guarnecida de pregos.

Nas paredes:

- **Rubens:** «A ADORAÇÃO DOS MAGOS», comprada ao rei de Espanha, é um pormenor da obra que se encontra no museu do Prado.
- **Mignard:** “RETRATO DA DUQUESA DE OLONNE”.
- **Escola italiana do século XVII:** “APOLO EM CASA DO ARGONAUTA ADMETE”.

O QUARTO DAS CINCO RAINHAS



O teto do quarto de Catarina de Médicis é feito de cofres quadrados em madeira pintada e dourada, nos quais se podem ver diversas iniciais, o brasão dos Médicis e, em posição central, o “C” e o “H” de Catarina e Henrique II entrelaçados. Os outros cofres possuem uma ornamentação com motivos vegetais esculpidos, que faz lembrar o teto do gabinete verde. A rica mobília esculpida e o raríssimo conjunto de tapeçarias de Flandres são do século XVI. As tapeçarias relatam o tema bíblico da VIDA DE SANSÃO.

São notáveis pelas suas barras, povoadas por animais que simbolizam provérbios, “A PERÍCIA É SUPERIOR À ESPERTEZA”, e fábulas como “O LAGOSTIM DE RIO E A OSTRÁ”. No centro do quarto, a cama com dossel, ornamentada com frisos, pilastras, retratos de perfil, inspirados em medalhas da Antiguidade, é característica do Renascimento. À direita da cama, uma pintura sobre madeira, de **Corregio**, representa A EDUCAÇÃO DO AMOR. Uma versão sobre tela está exposta na National Gallery em Londres. A lareira e o chão de tijoleira são renascentistas.

O QUARTO DE CATARINA DE MÉDICIS



O quarto de Catarina de Médicis dá acesso a dois pequenos aposentos, que constituem o gabinete de estampas. O primeiro apresenta um magnífico teto, decorado com uma tela pintada, e uma elegante lareira, elementos da decoração realizada em Chenonceau no século XVIII por Madame Dupin. O segundo abre-se ao rio Cher e apresenta um teto e uma lareira renascentistas.

O gabinete reúne uma coleção completa e diversificada de desenhos, gravuras e estampas que representam Chenonceau em diversas épocas. Desde o século XVI de Diana de Poitiers, com uma sanguínea, primeiro documento onde se vê a ponte, até às aguarelas dos arquitetos do século XIX, estão representadas as diversas etapas da construção de Chenonceau, as modificações introduzidas pelos projetos dos sucessivos proprietários e a construção dos jardins.

A nova Galeria Médicis, situada no primeiro andar do monumento, expõe **uma coleção inédita de pinturas, tapeçarias, móveis e objetos de arte**, entre os quais “O CASTELO DE CHENONCEAU”, quadro a óleo de **Pierre-Justin Ouvrié** (1806-1879); “O RIO CHER”, **tapeçaria de Neuilly** (1883); **um louceiro com alçado estilo Haute Époque**, pertencente ao património original do castelo de Chenonceau; a escultura “VÉNUS DE MÉDICIS”; não esquecendo um precioso **Gabinete de Curiosidades**.

Um conjunto de **documentos e arquivos** contibui para uma melhor compreensão das etapas de construção do castelo e dos eventos que marcaram a sua história. A visita é completada pela biografia, retraçada ao longo dos séculos, das seis ilustres senhoras que zelaram pelo destino de Chenonceau.

O GABINETE DE ESTAMPAS



GALERIA MÉDICIS



Esta sala recorda César de Vendôme, duque de Vendôme, filho do rei Henrique IV e de Gabriela d'Estrées, tio de Luís XIV, que se tornou proprietário de Chenonceau em 1624.

Destacam-se:

- Um lindíssimo teto de traves aparentes sustentado por uma cornija decorada de canhões.
- A lareira renascentista, dourada e pintada no século XIX com as armas de Thomas Bohier.
- A janela a poente ladeada de duas cariátides de madeira do século XVII.

Nas paredes, uma série de três tapeçarias de Bruxelas do século XVII representa o CICLO DE CERES e o mito da alternância das estações. As lindas barras, típicas de Bruxelas, representam grinaldas de frutos e flores brotando de cornucópias. A cama de dossel e a mobília desta sala são renascentistas.

À esquerda da janela:

- **Murillo**: "RETRATO DE SÃO JOSÉ".

O QUARTO DE CÉSAR DE VENDÔME



Este quarto recorda Gabriela d'Estrées, favorita e grande paixão do rei Henrique IV, mãe de seu filho legitimado César de Vendôme.

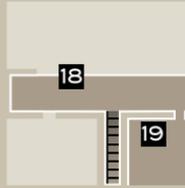
O teto de traves aparentes, o chão, a lareira e a mobília são renascentistas.

Perto da cama com dossel, a tapeçaria de Flandres do século XVI é denominada CENAS DA VIDA DE CASTELO, O AMOR.

As outras três paredes estão cobertas por uma série de tapeçarias muito raras, conhecidas como OS MESES LUCAS: JUNHO (o signo do Caranguejo, A tosquia das ovelhas), JULHO (o signo do Leão, A caça de falcoaria), AGOSTO (o signo da Virgem, Pagando aos ceifeiros). Os cartões destas tapeçarias são obra de Lucas de Leyde, amigo de Dürer. Por cima do gabinete, um quadro anónimo do século XVI representa SANTA CECÍLIA, padroeira dos músicos. Por cima da porta, um **Ribalta** : CRIANÇA COM UM CORDEIRO.

O QUARTO DE GABRIELA D'ESTRÉES





Este vestíbulo conservou intactas as restaurações feitas no século XIX pelo arquiteto Roguet, discípulo de Viollet le Duc, para Madame Pelouze, na altura proprietária. Destaque para uma tapeçaria de Audenaarde, do século XVI, que relata a BATALHA DE KOSOVO POLJE (batalha do Campo dos Melros - 15 de junho de 1389). Travada entre os príncipes cristãos dos Balcãs e o império otomano, a batalha teve um desfecho incerto, com o estabelecimento da paz entre a rainha Milica da Sérvia e o sultão Bayezid I.

De um lado e do outro da tapeçaria, duas obras de **Pierre Justin Ouvrié** representam o CASTELO DE CHENONCEAU. As duas credências, as duas mesas, bem como o pavimento são renascentistas. Nos séculos XVIII e XIX, o vestíbulo do segundo andar era conhecido como vestíbulo de Bourbon Vendôme.

O VESTÍBULO DO SEGUNDO ANDAR



Depois do assassinato do seu marido Henrique III pelo monge Jacques Clément, a 1 de agosto de 1589, Luísa de Lorena retira-se em Chenonceau em meditação e oração.

Rodeada de uma corte restrita de fiéis e sempre vestida de branco, como exige a etiqueta do luto real, ficará conhecida como “a Rainha branca”.

A partir do teto de origem, o seu quarto pôde ser reconstituído. Ornamenta-se com atributos de luto: penas (símbolo do sofrimento), lágrimas de prata, pás de coveiros, cordões de viúva, coroas de espinhos e a letra grega lambda (Λ) inicial de Luísa, entrelaçada com a letra eta (H) de Henrique III, cujo retrato por **François Clouet** se destaca no torreão de ângulo.

O CRISTO GÓTICO COM UMA COROA DE ESPINHOS, A CENA RELIGIOSA (elemento de um retábulo do século XVI) e o genuflexório acentuam a atmosfera devota e fúnebre deste quarto.

A cama e a mobília são do século XVI. As Irmãs Clarissas Capuchinhas que Luisa de Lorena quisera estabelecer perto de si, no terceiro andar do castelo, só regressaram ao seu convento no século XVII.

O QUARTO DE LUÍSA DE LORENA





JARDIM DE DIANA

A estrutura do jardim manteve-se idêntica desde a sua criação por Diana de Poitiers. O desenho atual é da autoria de Achille Duchêne (1866-1947). O jardim foi encomendado pela Chancellerie que foi casa do feitor de Catarina de Médicis.

Dois alamedas perpendiculares e duas em diagonal delimitam oito triângulos de relva decorados com delicados motivos de santolinas (12 000m²), voltando a ter no seu centro a fonte com repuxo de origem, como no tempo de Diana de Poitiers.



Os terraços em altura que protegem o jardim das cheias do rio Cher, estão ornamentados com vasos e permitem contemplar os arbustos, teixos, evónimos (*Euonymus*), buxos e laurestins (*Viburnum tinus*) que dão ritmo ao desenho dos maciços. Mais de uma centena de hibiscos florescem no Verão. Os canteiros de flores entre os arbustos realçam a rigorosa geometria do jardim.

No Outono, os amores perfeitos alternam com as margaridas e florescem durante todo o inverno. Na Primavera, petúnias, tabacos, dalias miniatura, verbenas e begónias, depois de semeados e transplantados, esperam até ao Outono seguinte. À volta do jardim, os muros que suportam os terraços estão cobertos de roseiras trepadeiras Iceberg.



JARDIM DE CATARINA

Mais recatado (5 500 m²), o jardim da rainha Catarina de Médicis é a perfeita encarnação do requinte.

Pelos seus caminhos, à beira da água e do parque, desfruta-se de uma vista magnífica para a fachada oeste do castelo. Cinco áreas de relvado, dispostas em redor de um elegante tanque de jardim circular e pontuadas de bolas de buxo, formam a base do seu desenho.



A leste, o jardim está delimitado pelo murete do fosso do castelo, revestido de roseiras Clair-Matin.

Roseiras com caule e renques de alfazema podada em forma redonda e baixa realçam o harmonioso traçado do jardim. A perspetiva que se abre a norte para o Jardim Verde e a Orangerie deve-se a Bernard Palissy.



JARDIM VERDE

Desenhado por Lord Seymour em 1825 para a condessa de Villeneuve, então proprietária do castelo e botânica conceituada que desejava um parque à inglesa, o jardim verde fica a norte do jardim de Catarina de Médicis. Uma coleção de árvores de exceção dá sombra a este relvado. O conjunto de espécimens seculares é formado por : três plátanos, três cedros azuis, um abeto de Espanha, uma catalpa, um castanheiro, dois abetos de Douglas, duas sequoias, uma falsa-acácia (*Robinia pseudoacacia*), uma nogueira preta e uma azinheira. A partir da Orangerie, concebida nos séculos XVIII e XIX, e através do jardim verde pode admirar-se, a silhueta do castelo. No século XVI, Catarina de Médicis escolheu este local para instalar os seus animais e viveiros de pássaros.



O LABIRINTO

O labirinto italiano está situado numa clareira do parque de 70 hectares. Foi criado por Catarina de Médicis, tem uma superfície de mais de um hectare e conta com mais de 2000 teixos. No seu centro, eleva-se um caramanchão, do qual se alcança uma vista dominante do conjunto. O pequeno edifício é revestido por pés de verga vivos. Encimado por uma estátua de Vénus tem ao seu lado, erguida no topo de uma coluna de madeira de cedro, a estátua de uma ninfa segurando Baco menino. À volta do labirinto, uma plantação de carpas, buxos e heras deixa descobrir, a leste, as cariátides monumentais de Jean Goujon. As Cariátides, Palas e Cibele, e os Atlantas, Hércules e Apólo, que se encontram na parte de trás do labirinto faziam antigamente parte da fachada do castelo.



A GALERIA DAS CARRUAGENS

A Galeria das Carruagens, situada na grande cavalaria da Quinta do século XVI, reúne uma rara coleção de veículos de tração animal usados pela nobreza ou por camponeses. Algumas tipicamente francesas, como os modelos Break e Tonneau, outras importadas de Inglaterra, como o Tilbury, essas carruagens fazem parte de um património que devemos preservar. Carruagens senhoriais ou veículos rurais, eram usados principalmente no século XIX, podendo ainda hoje ser utilizados nalgumas regiões de França.



QUINTA DO SÉCULO XVI

A quinta, excepcional conjunto do século XVI, que inclui as cavaliças de Catarina de Médicis, comunica com a horta. O centro do edifício está ocupado pelo atelier floral, onde trabalham todo o ano dois floristas. Parte integrante do encanto de Chenonceau, a decoração floral de todas as salas do castelo é levada a cabo diariamente. Flores frescas, lareiras acesas no inverno, revelam a preocupação constante do castelo em receber os seus visitantes como hóspedes.



HORTA FLORAL

A horta floral, aberta aos visitantes, convida a deambular. Estende-se sobre mais de um hectare e está organizada em doze quadrados delimitados por macieiras e roseiras Queen Elisabeth. Uma dezena de jardineiros cultiva uma centena de variedades de flores para a decoração floral do castelo e mais de 400 pés de roseiras. Os visitantes podem também descobrir diversas variedades de legumes e plantas, além de flores surpreendentes como as tuberosas e os agapantos. Nas duas estufas antigas cultivam-se bulbos de jacintos, amarílis, narcisos e tulipas e são também realizadas as sementeiras. Por vezes, as aves e animais que o visitante pode observar no parque aventuram-se até à horta floral, perto do recinto dos asnos de Chenonceau.



ORANGERIE - SALÃO DE CHÁ

Frente ao jardim verde, a Orangerie, destinada a abrigar as laranjeiras e os limoeiros durante o inverno, é hoje um restaurante gastronómico. Ao casar com Henrique II, Catarina de Médicis enriqueceu a nossa gastronomia com deliciosos sabores de Itália. No século XVIII, as ideias de Jean-Jacques Rousseau que, muito antes da tendência actual, incitavam a consumir produtos locais e a respeitar o ritmo das estações, inspiraram a brilhante Madame Dupin, que o recebeu em Chenonceau. Desde as festas sumptuosas no Renascimento, a arte de bem receber, a gastronomia e o requinte continuam a fazer parte da tradição de Chenonceau.

O restaurante gastronómico L'Orangerie perpetua esse espírito e conta, a partir deste ano, com um novo chefe formado por Georges Blanc e Bernard Loiseau.

As vinhas que circundam o parque produzem um vinho de renome desde o século XVI. É possível provar a nova AOC « Touraine-Chenonceaux » na cave histórica dos Dômes.

Os restaurantes e o salão de chá estão abertos de meados de março a meados de novembro. O acesso aos restaurantes implica a compra de bilhete de entrada.

